

COMBART

**GUERRA, PAULA
& CAMPOS, RICARDO**

(EDS.) (2025)

**:: ARTE, ARTIVISMO
E CIDADANIA.
REVOLUÇÕES,
PROTESTOS
E ATIVISMOS
ESTÉTICO-POLÍTICOS**

:: ART, ARTIVISM
AND CITIZENSHIP.
REVOLUTIONS,
PROTESTS AND
AESTHETIC-POLITICAL
ACTIVISM

PORTO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULTY OF ARTS AND HUMANITIES OF THE UNIVERSITY OF PORTO

COLOMBART

**Arte, ativismo
e cidadania.**

Revoluções.

Protestos.

**Ativismos
estético-políticos.**

Paula Guerra

Ricardo Campos [Eds.]

[DES] ENCONTROS NARRATIVOS: REPRESENTAÇÕES HISTÓRICO-FICCIONAIS SOBRE A BATALHA DO JENIPAPO – PI

[DES] NARRATIVE ENCOUNTERS: HISTORICAL-FICTIONAL REPRESENTATIONS ABOUT THE BATTLE OF JENIPAPO – PI

Pedro Pio Fontineles FILHO, Universidade Estadual do Piauí, Brasil.

E-mail: pedropio@ccm.uespi.br

<https://doi.org/10.21747/978-989-9193-02-4/coma6>

Resumo

O estudo compreende as (re)apresentações histórico-ficcionais da história da Batalha do Jenipapo, ocorrida na vila de Campo Maior-PI, em 13 de março de 1823, em prol da independência do Brasil. Problematisa questões de fronteiras entre a história, a literatura e a ficção, a partir de um livro-quadrinhos e um livro literário, envolvendo as interrelações entre as narrativas; e os limites-potencialidades dos textos que historiografam os processos de independência do país. Metodologicamente, fez-se a análise do universo documental, composto pelo livro-quadrinhos *Foices e Facões: a Batalha do Jenipapo* (2009; 2018), de Bernardo Aurélio e Caio Oliveira; e pelo livro *Um dia em 1823* (2023), de Eduardo Prazeres. Como arcabouço teórico-metodológico, foram utilizadas proposições para pensar a operação historiográfica, o “campo literário” e os olhares artísticos. Considerou que as obras analisadas são fulcrais para (re)pensar os debates sobre a história e historiografia piauienses em suas interconexões entre o nacional, o regional e local.

Palavras-chave: História; Literatura; Quadrinhos; Historiografia.

Abstract

The study comprises the historical-fictional (re)representations of the history of the Battle of Jenipapo, which took place in the village of Campo Maior-PI, on March 13, 1823, in favor of Brazil's independence. It problematizes issues of boundaries between history, literature and fiction, based on a comic book and a literary book, involving the interrelations between the narratives; and the limits-potentialities of the texts that historiography the country's independence processes. Methodologically, the documentary universe was analyzed, comprising the comic book *Foices e Facões: a Batalha do Jenipapo* (2009; 2018), by Bernardo Aurélio and Caio Oliveira; and the book *Um dia em 1823* (2023), by Eduardo Prazeres. As a theoretical-methodological framework, propositions were used to think about the historiographical operation, the "literary field" and artistic perspectives. He considered that the works analyzed are essential for (re)thinking the debates about the history and historiography of Piauí in its interconnections between the national, regional and local.

Keywords: History; Literature; Comics; Historiography.

Introdução

A história é um discurso cambiante e problemático, tendo como pretexto um aspecto do mundo, o passado, que é produzido por um grupo de trabalhadores cuja cabeça está no presente (e que, em nossa cultura, são na imensa maioria historiadores assalariados), que tocam seu ofício de maneiras reconhecíveis uns para os outros (maneiras que estão posicionadas em termos epistemológicos, metodológicos, ideológicos e práticos) e cujos produtos, uma vez colocados em circulação, vêem-se sujeitos a uma série de usos e abusos que são teoricamente infinitos, mas que na realidade correspondem a uma gama de bases de poder que existem naquele determinado momento e que estruturam e distribuem ao longo de um espectro do tipo dominantes/marginais os significados das histórias produzidas (Jenkins, 2007, p. 52).

No ano de 2023, foram celebrados os duzentos anos de um acontecimento que, em certa medida, ainda é pouco estudado, pelo menos de maneira mais sistemática, sobretudo nos livros didáticos de História. Trata-se da Batalha do Jenipapo, ocorrida a 13 de março de 1823, na então vila de Campo Maior, Piauí. Em razão disso, o governo do estado do Piauí, em parceria com a Prefeitura Municipal de Campo Maior, lançou uma revista em quadrinhos intitulada de *A Batalha do Jenipapo*, que, por sua vez, é uma adaptação da obra *Foices e Facões*, de autoria de Bernardo Aurélio¹⁰ e Caio Oliveira¹¹. Localizar essa adaptação no seio das celebrações promovidas pelo governo do estado do Piauí faz parte do trabalho do historiador, visto que “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (Certeau, 2002, p. 62). Assim, os cortes, acréscimos e textos mantidos fazem parte do lugar de produção dos agentes envolvidos na construção dos quadrinhos e os propósitos para a sua circulação e seu consumo.

Evento tal que carrega uma série de inquietações históricas e historiográficas, fazendo surgir inúmeras reflexões, tanto no universo de novas pesquisas, quanto nas dimensões teóricas. Por esse diapasão, percebem-se as interconexões entre História,

Literatura e Quadrinhos, na medida em que se tratam de narrativas que concorrem para dizer sobre o real e (re) criam realidades. No entanto, vale ressaltar, não se caracterizam como narrativas que se anulam ou que desconsideram uma a outra. São narrativas que devem ser percebidas no seio do campo específico. Como ressalta Pierre Bourdieu (1996), para se compreender o conhecimento expresso por determinado texto, é preciso ir para além do conteúdo. É necessário que se perceba as regras que norteiam cada campo do saber. A história, a literatura e as histórias em quadrinho fazem parte de campos particulares e específicos, como normas de funcionamento próprias. Isso não significa dizer que, no nível das narrativas, não seja possível encontrar pontos de consonância e de dissonância, o que demonstra o caráter intertextual de qualquer texto.

¹⁰ Nasceu em Teresina (1982). Mestre em História do Brasil - UFPI (2015) Professor/tutor na Graduação em Licenciatura em História pela UFPI - Floriano, no curso de EaD (desde 2017). Especialização em História Cultural pela Faculdade Maurício de Nassau (2012). Especialização em Cultura Visual e Metodologias do Ensino da Arte pela Universidade Federal do Piauí (2009). Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (2006). Quadrinista e ilustrador. Autor dos livros: *Foices & Facões - A Batalha do Jenipapo* (2009. 2018), *O Inefável Máscara de Ferro* (2016) e *Por dentro do Máscara de Ferro* (2014).

¹¹ Nasceu em Piri-piri-PI (1979). Formado pelo Curso de Quadrinhos da Quanta Academia de Artes, de São Paulo. Criador da tirinha Os Tímidos, publicado no Jornal Meio Norte.

Exemplo disso é a escrita historiográfica de Abdias Neves, que, mesmo não sendo historiador de formação acadêmica, escreveu bastante sobre história, em particular sobre a Batalha do Jenipapo.

Dessa maneira, o livro-quadrinho *Foices e Facões*, de autoria de Bernardo Aurélio e Caio Oliveira; e o livro *Um dia em 1823* – lançado no ano de 2023, para celebrar os duzentos anos do conflito –, de Eduardo Prazeres¹², são as fontes sobre as quais se debruça o presente estudo. Além delas, é feita a análise de textos historiográficos como os de autoria de Monsenhor Chaves. No tocante à escrita literária, fez-se a análise do livro *A Guerra de Fidié*, de Abdias Neves. História, Literatura e Quadrinhos são postos em fricção para que os olhares, representações e apropriações da história se apresentem como pontos de articulação do conhecimento histórico, contribuindo para o ensino de história do Piauí. É mister afirmar, nesse sentido, que:

Ficção e historiografia estão ambas relacionadas com o que acontece. Para sua comprovação, a historiografia depende tanto da consideração dos esquemas explicativos quanto de sua referencialidade contextual. A análise de seu discurso não se esgota no contraste com o referente, mas é o que a diferencia de outras formas. O ficcional não pretende dizer a verdade do que foi, seu critério de julgamento assenta na qualidade de sua construção verbal, mas isso não o torna um discurso sem lugar (Araújo, 2006, p. 89).

São discursos que se entrecruzam, cujos usos e abusos demonstram inúmeros interesses, propostas, ideologias. Nem História, nem Literatura, nem as histórias em quadrinhos, podem ser pensadas e analisadas fora dos circuitos sociais, culturais, políticos e econômicos que as engendram. São expressões de seu campo, de seu tempo e de seu lugar socioinstitucional. Conforme Chartier (1990), as representações, construídas em determinadas condições de lugar e momento, contribuem para que uma realidade seja

¹² Nasceu em Teresina-PI, em 31 de março de 1977. Escritor, ator e roteirista. É autor da trilogia de suspense sobrenatural *A Lenda de Crispim*, publicada entre 2013 e 2019. Autor de *Sárdirus – a terra lendária do agreste*; e de *Balada suburbana*. Graduado em Licenciatura em História (UESPI).

pensada e dada a ler. Por esse diapasão, as narrativas histórica, literária e dos quadrinhos apresentam condições particulares para a representação da realidade, sem, em certos pontos, manterem diálogo. Partindo do pressuposto de que “a História é o lugar de encarnação da palavra poética” (Paz, 1982, p. 227), é louvável que se diga que as relações entre História e narrativas ficcionais vão além do paralelismo e de um contato artificial.

A historlografia do conflito ou os conflitos historlográficos

Em *Cronologia Histórica do Estado do Piauí* (2010), F. A. Pereira da Costa, fala da Batalha do Jenipapo, utilizando a narrativa de Vieira da Silva, que afirma que:

Este combate, o mais notável que se deu por ocasião da luta da independência nas províncias do Maranhão, teve lugar no dia 13 de março de 1823; começou às nove para as dez horas e durou até depois do meio-dia. Calculou-se a perda das tropas brasileiras em 200 homens, entre mortos e feridos, 542 prisioneiros, entrando neste número os que depois da ação se apresentaram ao comandante das armas, três caixas de guerra, uma peça de artilharia de calibre 3, algumas munições e uma bandeira. Da tropa portuguesa pereceram 16 soldados, 1 sargento, um alferes e um capitão e saíram feridos 60 homens. Além disso, Fidié perdeu a sua bagagem (Vieira *in* Costa, 2010, p. 137).

Esse tipo de preocupação, voltada para as perdas pessoais e materiais é recorrente em todos os textos que falam da Batalha. Monsenhor Chaves (1998) também fez questão de salientar tal aspecto. Ele diz que:

Nunca se pôde saber ao certo quantos mortos tiveram os portugueses. Fidié não os enumerou na sua parte do combate. Provavelmente foram poucos. Sabe-se que o major inimigo reuniu todos os cadáveres de portugueses em 5 valas.

Uma coisa estava patente: o comandante português vencera aquela batalha, mas havia perdido a guerra. Só lhe restava agora o território maranhense o mais depressa possível. Ali predominava ainda o governo português. Quanto às perdas

sofridas pelos patriotas, há uma grande discordância na documentação que trata do assunto. As partes oficiais, a do inimigo e a nossa, são contraditórias.

Fidié fala em “542 prisioneiros, mais de 200 homens entre mortos e feridos, uma peça de artilharia, uma bandeira e 3 caixas de guerra”. O Cap. Rodrigues Chaves diz que “morreram na ação mais de 400 pessoas, sendo a maior parte do inimigo”. Sabe-se que o Capitão cearense falou por falar. Não contou os mortos, pois saiu precipitadamente do campo da batalha antes que ela terminasse. Ouviu certamente relatos de fugitivos apavorados. Mentiu, no que diz respeito às perdas do inimigo (Chaves, 1998, p. 154).

O fato de haver diferenças nas informações sobre a quantidade de perdas e mortes só demonstra o quão lacunar é o processo de construção da narrativa histórica. Mesmo se o historiador recorrer à história serial ou quantitativa ele não pode exigir uma informação com grau de exatidão infalível. O importante de se trabalhar com os dados e números é a possibilidade de se traçar uma estimativa e o panorama dos acontecimentos. Nesse sentido, é importante realçar que “Ao empreender uma História Quantitativa, o historiador deve tomar o cuidado (isto é, se quiser tomar este cuidado) para não realizar uma história meramente descritiva de informações numéricas, sejam estas relativas à população ou à economia” (Barros, 2011, p. 166). O historiador-professor deve lidar com as quantidades, os números, de maneira problemática, ou melhor dizendo, instaurando a problematização do objeto de estudo. Caso contrário, os números constituirão uma narrativa meramente descritiva. Dessa forma, a “relatividade do número” e a “problematização do número” deve compor o manancial de pesquisa do historiador e do professor de história. Os números não podem ser encarados como a verdade e a realidade em si mesmas. Devem ser vistos como indícios dos mecanismos e ações humanas que os criaram.

Na historiografia, bem como entre professores e pesquisadores da História do Piauí, é comum se deixar propor um discurso de descontentamento no que se refere ao fato de, na produção historiográfica e editorial nacional, a Batalha do Jenipapo ser pouco mencionada e debatida. Há uma espécie de ressentimento e uma necessidade de “inclusão” na História. Trata-se, em larga medida, de uma disputa de poder. A escrita da história se manifesta como o *locus* para as ranhuras existentes entre aquilo que é registrado na História e aquilo que fica posto no ostracismo.

Abdias Neves, ao falar sobre os desdobramentos da Batalha do Jenipapo, escreve um capítulo intitulado "O Piauiense". Ele traça um perfil do povo do Piauí, comparando-o com os maranhenses e cearenses, afirmando que "o piauiense é um tipo essencialmente firme nas convicções, constante nos hábitos, moderado nos impulsos. Não é reformador, nem sobre arrebatamentos. É um reflexo do meio" (Neves, 2006, p. 263). Para reforçar sua concepção do perfil do homem piauiense, que seria influenciado pelo meio em que vive, Abdias Neves ressalta que:

O Piauí, com efeito, nada oferece de notável em seu aspecto físico: as terras, baixas, correm sem um relevo orográfico de importância. Não mostram nem variações bruscas de paisagem, nem alternativas frequentes de matas e várzeas: quase sem interrupção se estendem as chapadas, monótonas na sua raquítica, aberta e inconstante, que se estende até onde o olhar se cansa e tudo se confunde num cinto escuro que aperta o horizonte (Neves, 2006, p. 263).

O que se pode, de certa forma, inferir sobre esse olhar de Abdias Neves acerca do homem piauiense e de seu meio geográfico, é que a Batalha do Jenipapo foi, de facto, algo excepcional. Por não ter um espírito "reformador" o que se poderia esperar daquele povo era que não se envolvesse no conflito direto. Talvez seja o próprio fator do meio que explicaria, então, a atuação dos anônimos na Batalha. Como a maioria era composta de vaqueiros e de sertanejos, a terra e o seu meio eram a sua riqueza e em defesa dela se manifestaram. Seu principal estímulo para o combate seria a preservação de suas terras, de suas posses. Isso não significa dizer que não tinha certa consciência do movimento político no qual estavam se inserindo.

O livro de Abdias Neves, em seu próprio título, não tem a pretensão de dar destaque aos "anônimos" da história. Não intenta valorizar os homens simples que lutaram diretamente no campo de batalha. Se for tomado por uma perspectiva de registo historiográfico, deve ser visto do ponto de vista de uma escrita mais tradicional, como foco na cronologia e nas ações de alguns personagens.

As diferentes abordagens sobre um tema, assunto ou evento se dão pelo próprio caráter da narrativa historiográfica, ou melhor, das narrativas, visto que toda narrativa está alicerçada pela produção, circulação, recepção e apropriação do que é narrado. Nesse sentido:

No discurso historiográfico a relação é complexificada pela inserção de mais um foco produtor de diferença, o próprio passado entendido como rastro das ações dos sujeitos históricos sobre o mundo. São estas ações que o historiador tenta reconstruir em sua narrativa, essa reconstrução é igualmente produtora de diferença, que por sua vez multiplica-se na recepção (Araújo, 2006, p. 85).

O passado, como existência em si, daquilo que aconteceu, é uma condição da própria complexidade de se narrar os acontecimentos. É em decorrência disso que a multiplicidade de análises e narrativas sobre um mesmo evento e acontecimento surgem. A Batalha do Jenipapo traz consigo discursos que, ora mencionam a bravura dos “anônimos” que lutaram bravamente, como em plena consciência de sua atuação; ora há abordagens que falam de manipulação da população. Na primeira tendência, estão nomes como Monsenhor Chaves (1998), Odilon Nunes (2007), Wilson Brandão (2006) e Abdias Neves (2006). Muito embora acabem dando maior destaque aos “vultos” cristalizados da História, flertando com uma historiografia tradicional. Adeptos dessa última tendência, como é o caso de Bernardo Pereira de Sá Filho (2005), dizem que a participação da população no movimento se deu pelo aliciamento ou persuasão por parte da elite, que queria ampliar sua atuação política. Francisco de Assis Lima (2008) afirma que a população participou por meio de recrutamento. Refletir sobre essas abordagens diferentes é fulcral para que, no processo de construção do conhecimento histórico, se perceba que os fatos são uma construção do historiador, alicerçado por um grupo de seus pares. A história se configura como tal em função das diferentes óticas ou das escolhas de tipos de conhecimento que cada historiador intenta imprimir. Além

disso, como ressalta Certeau (2002), a prática do historiador está centrada em transformar um objeto em objeto histórico, em tornar um argumento ou hipótese em objeto de reflexão histórica.

A História (Re) elaborada: a batalha do Jenipapo nos quadrinhos e na literatura

Na contracapa da revista comemorativa dos cento e noventa e dois anos da Batalha há, estampada em destaque, a seguinte frase: “A coragem sempre foi a nossa melhor arma” (Piauí, 2015, s/p). Ora, os responsáveis por essa edição obviamente que estavam se referindo ao fato de que os sujeitos que participaram da Batalha, contra as tropas portuguesas, não dispunham de condições bélicas favoráveis, mas que se sobressaíram pela coragem. Na mesma página, o texto seguinte endossa esse caráter identitário, dizendo que “não é de hoje que lutamos com heroísmo. A Batalha do Jenipapo é uma prova histórica de que nunca tivemos de levantar nossas bandeiras e muito menos nos curvamos diante dos desafios. Por isso, quase dois séculos depois, a nossa coragem e a nossa garra continuam tão vivas entre a nossa gente” (Piauí, 2015, s/p). Nessa busca de construção de identidade, é indispensável atentar ao fato de que a:

[...] identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra (Ricoeur, 1994, p. 432).

Em uma perspectiva de análise de discurso, pode-se dizer que a sentença, do início da revista comemorativa dos cento e noventa e dois anos da Batalha, intenta mais que relembrar o acontecimento e marcar uma identidade coletiva. Ela remete ao despertar dos sentidos de pertencimento, de identidade do povo piauiense, tomando o “ser piauiense” como algo dado, homogêneo e solidificado. Faz, dessa forma, uma vinculação como a proposta do “ser piauiense” como aquele que, apesar das intempéries e adversidades, consegue se mostrar como forte e vencedor. Esse ressentimento, no que se refere à inserção da Batalha do Jenipapo no cenário nacional, se manifestou na imprensa quando do lançamento de *Foices e Facões: a Batalha do Jenipapo*, de Bernardo Aurélio e Caio Oliveira, quadrinho-livro lançado no ano de 2009. As notícias diziam que:

Um dos episódios mais sangrentos do Brasil acaba de ter mais um empurrãozinho rumo a uma maior visibilidade nacional. A Batalha do Jenipapo, um dos mais marcantes combates já existentes no país, saltou dos livros de Histórias – principalmente piauienses, diga-se de passagem – para os quadrinhos e deve tornar mais simples e acessível o conhecimento acerca desta luta às margens do rio Jenipapo em Campo Maior.

A história em quadrinho “Foices e Facões – A Batalha do Jenipapo” será lançada no próximo dia 18 em formato livro (15cm X 22cm) durante o encerramento da 10ª Feira HQ, que começa na sexta que vem (11). O comic book tem 152 páginas e é uma realização dos irmãos Caio Thiago (arte) e Bernardo Aurélio (roteiro, arte-final e editoração). “Este é projeto meu mesmo que demorou um ano para ser feito, desde quando fiz as pesquisas”, relata Aurélio (Filho, 2009, s/p).

Os quadrinhos, em larga medida, como ressaltou a matéria do portal, teriam a função de facilitar o entendimento da Batalha, exatamente por recorrer às imagens a um linguajar mais dinâmico, o que é típico da maioria das histórias em quadrinhos. Na época, dos 2.100 exemplares apenas 400 estariam à venda. O restante deveria ser distribuído pela FUNDAC nas escolas públicas e outras instituições. *Foices e Facões* toma o cenário da Batalha do Jenipapo para inserir a família de vaqueiros que, em meio a todo o burburinho dos conflitos entre portugueses e brasileiros, acaba participando da luta armada. O livro-quadrinho é dividido em cinco partes, nas quais a trama da família vai se misturando com os acontecimentos que desembocam na Batalha. Por esse prisma, a obra tenta visualizar, em forma de projeção e invenção, a vida de uma família envolvida naquele evento.

Contudo, tanto nos quadrinhos *Foices e Facões* quanto em *A Batalha do Jenipapo*, os “heróis” que aparecem em destaque são os nomes consagrados pela historiografia. Se a intenção era a de enaltecer o papel dos homens e mulheres simples que lutaram em prol da Independência do país, o texto se encerra de maneira um tanto divergente. São duas páginas dedicadas a um resumo biográfico de Simplício Dias, Manoel de Sousa Martins, João José da Cunha Fidié e Leonardo de Carvalho Castelo Branco. A revista de comemoração dos cento e noventa e dois anos da Batalha faz questão de mencionar o “heroísmo de nossa gente”, mas silencia os nomes dos que efetivamente participaram do conflito armado em defesa do movimento de independência. Nessa revista os mesmos

“grandes nomes” aparecem, agora apenas mudando a ordem, pois João José Fidié aparece como primeiro da lista de homenageados. Nesse sentido, a proposta de fazer uma escrita histórica que dê voz aos silenciados se fragiliza e endossa a prática historiográfica de valorização dos “grandes” personagens da história. Assim, “a história dos anônimos que lutaram pelo ideal separatista”, como está escrito na quarta-capa de *Foices e Facões*, continua uma história dos anônimos, visto que o destaque, o desfecho de ambos quadrinhos continua sendo para personagens cristalizados pela historiografia tradicional.

Isso não quer dizer que ambos os quadrinhos menosprezaram os “heróis anônimos”. Tais quadrinhos apenas são o reflexo de uma historiografia ainda cambiante no que se refere aos problemas documentais e de registros vários que possam trazer à tona a voz daqueles que morreram em combate em defesa do país e da província. Por isso, é salutar lembrar que:

Os quadrinhos, antes de mais nada, são uma arte sequencial, como diria o mestre Will Eisner. O que isso quer dizer, exatamente? Quer dizer que são uma narrativa gráfico-visual, com suas particularidades próprias, a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens desenhadas que se relacionam. Entre as imagens, um corte, que chamaremos de corte gráfico – de certo modo, o lugar que marca o espaço do impulso narrativo. Esse corte tanto será espacial quanto temporal (aqui, gerando as elipses: um tempo a ser preenchido, muitas vezes, pela imaginação do leitor) (Cirne, 2002, p. 14).

Tendo em mente essa vinculação entre ficção e história, é indispensável ao professor, sobretudo ao professor-historiador, conhecimentos, ao menos genéricos, sobre as “regras da arte” dos quadrinhos, pois

[...] na utilização de quadrinhos no ensino, é muito importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos; e, enfim, conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis (Vergueiro, 2007, p. 29).

São muitos os outros marcadores de tempo que merecem atenção para se discutir as dimensões conceituais que cercam a noção de tempo. Assim, quadros com desenhos da lua, do sol, lampiões, relógios, o trânsito de carros ou a fila de funcionários

entrando numa fábrica, são recursos imagéticos que sugerem a marcação do tempo. Tais marcações podem ser usadas “para uma reflexão sobre os diferentes tempos: o tempo da natureza, o tempo do relógio, o tempo da fábrica” (Vilela, 2007, p. 107). No caso específico de *Foices e Facões*, há vários exemplos dessas marcações de tempo cronológico. Logo na página 13, a história se inicia com “1808, Litoral Brasileiro”. Na página seguinte, encontra-se “1815, dezembro. Rio de Janeiro”. Na página 15, há “1821, Abril. Rio de Janeiro”. Outras marcações como “Mais tarde, nos corredores cariocas...”

também constituem o manancial temporal cronológico, que dá encadeamento ao tipo de narrativa histórico-ficcional dos quadrinhos. As próprias imagens servem para criar esse clima de ambientação do passar dos períodos do dia. No caso de *Foices e Facões*, nas páginas 64 e 65, há o recurso do escurecimento de partes da ilustração, para indicar que os diálogos ocorrem à noite.

A linguagem é outro recurso de ambientação na temporalidade, visto que usos verbais, pronomes pessoais e de tratamento indicam um período, com seus costumes e práticas. Indicam, ainda, as distinções entre os diferentes segmentos sociais. No entanto, ao se recorrer à linguagem para se aproximar de uma realidade temporal diferente da linguagem do autor do texto (seja historiador, literário ou criador de quadrinhos), é indispensável o trabalho rigoroso de pesquisa linguística. Isso se torna ainda mais delicado nos quadrinhos, cujos textos, em sua maioria, são a representação rápida e “espontânea” dos personagens. Quando se pretende, além do retorno no tempo, demarcar características da fala de integrantes de grupos com pouca instrução formal e com certos vícios de linguagem, assim como marcas regionais, deve-se ampliar mais ainda a cautela. Caso contrário, muitas incoerências e deturpações surgem, reforçando estereótipos. Mais que isso, tornando as falas forçadas e muito mais artificiais. Isso abre horizontes para discussões sobre questões de espaço, espacialidade, fronteiras e de identidades.

Em *Foices e Facões*, mulheres e crianças aparecem de forma breve e distinta, reflexo, talvez, de uma historiografia ainda tradicional, na qual esses sujeitos são colocados em uma dimensão secundária. Nas páginas 20 e 21, no entanto, é representado um diálogo entre Pedro e sua esposa, Maria Leopoldina. Nessas cenas, que estão temporalmente marcadas como ocorridas em 10 de dezembro de 1821, Leopoldina aconselha o marido a permanecer no Brasil, dizendo: “Se tu fores rei aqui, a coroa continuará sendo dos Bragança. Tu estarás unido a teu pai do mesmo jeito. É rei do Brasil unido a Portugal”. Já entre as páginas 26 e 34, há a representação de mulheres e crianças do lado dos revoltosos. Um deles, um jovem com aparência de adolescente, está entre os que lutam armados com foices e facões contra as tropas imperiais portuguesas. Enquanto isso, mulheres e crianças esconde-se com medo e rezam para que nada aconteça, retratando, em larga medida, os traços fortes da religiosidade cristã do povo. Ao longo dos quadrinhos, as mulheres são sempre narradas como aquelas que aguardam em seus afazeres da casa e que são o suporte para seus maridos, tios, irmãos. Os quadrinhos se encerram, já com o fim da batalha, com a cena de uma das camponesas, sentada em uma cadeira, abraçada a duas crianças, enfatizando a palavras “Esperança”. Segundo Ribeiro, as “mulheres estimularam os seus maridos, parentes e amigos, arrumaram o que puderam, venderam suas jóias; todos estavam empenhados a se unirem em só ideal: lutar” (Ribeiro, 2009, s/p). Há muito o que ainda pesquisar sobre a participação mais efetiva de mulheres e crianças na referida batalha, o que remete ao desafio para pesquisadores e historiadores no que se refere à atuação de sujeitos que não aqueles já cristalizados pela historiografia local e nacional.

Esses traços temporais e de linguagem também podem ser observados no livro *Um dia em 1823*. Nele, Eduardo Prazeres, imprime não somente a linguagem literária, mas, talvez por sua formação acadêmica no Curso de História da Universidade Estadual do Piauí, informações historiográficas e até mesmo diálogo com pensadores, como Hayden White, quando a personagem Sávia – estudante e professora de História – está refletindo sobre suas pesquisas para o trabalho final do curso. Aqui, é possível notar traços autobiográficos entre muitos personagens e Eduardo Prazeres. Na “Pequena preliminar do autor”, onde Eduardo Prazeres faz uma espécie de apresentação de sua obra, ele destaca:

As relações possíveis entre História e Literatura constituem um fato tão bem comprovado, que já dispensa qualquer justificativa. A meu ver, o termo “romance histórico” é redundante, porque uma narrativa, por mais surreal ou dadaísta que seja, não se constrói sem referências de tempo e de espaço, ainda que seja subvertendo-os. Portanto, não concebo uma narrativa que não seja histórica. Mas, claro, existem convenções para que se classifique uma obra literária como histórica. Assim, ousou acreditar que posso dizer, amparado por essas convenções, que este livro se classifica (entre outras coisas) como um romance histórico (Prazeres, 2023, p. 23).

As temporalidades já são apresentadas desde o título do livro, quando sugere um “retorno” de duzentos anos no tempo, para a experiência de Renam, personagem principal, durante os eventos da Batalha do Jenipapo. Atento às nuances e às críticas que a recepção de seu texto pode trazer, Eduardo Prazeres se antecipa e assevera:

No entanto, por se tratar de uma obra de ficção composta também por elementos do Realismo Fantástico, talvez não contemple a expectativa de alguns quanto ao seu caráter de romance histórico. Sobre isso, bom...Nada a fazer! Mas, para que o livro apresente um caráter mais informativo ao leitor que desconhece a história da Batalha do Jenipapo, inseri um apêndice, ao final, com um sumário histórico dos fatos. Para quem desejar entender ou recapitular todo o contexto histórico da batalha, a leitura desse apêndice, antes do romance poderá ser bem útil (Prazeres, 2023, p. 23).

O Sumário mencionado por Eduardo Prazeres é composto por 15 páginas e, ao final, traz referências bibliográficas de Abdias Neves, Monsenhor Chaves, João Fidié, Francisco Castro, Odilon Nunes, Laurentino Gomes e José Itamar Brasil. Ao finalizar o referido Sumário, Prazeres sintetiza a “defesa” de seu livro, destacando que, “Em suma, trata-se de uma abordagem lúdica de um evento histórico, com as devidas licenças poéticas, destacando um memorável feito do ‘povo brasileiro do Norte’. Uma alternativa de leitura, ao mesmo tempo, de entretenimento e de informação” (Prazeres, 2023, p. 444). Conhecer das “regras da arte”, ou seja, dos campos de atuação tanto do historiador quanto do romancista, Eduardo Prazeres ainda pondera:

De um modo geral, o texto acadêmico-científico é um discurso objetivo sobre as coisas, enquanto o texto literário é um discurso simbólico. Assim, tanto pela minha maior afinidade natural com a linguagem simbólica como por acreditar mais no poder do símbolo e da metáfora que no discurso objetivo, escrevo narrativas de ficção. Mesmo reconhecendo o texto científico como necessário – e a despeito de qualquer crítica que esta afirmação possa me render – minha plataforma de produção historiográfica é o romance (Prazeres, 2023, p. 23).

Assim, o texto de Eduardo Prazeres, alicerçado em bases acadêmico-científicas, como referenciais teóricos e historiográficos, conduz o leitor por outros universos que só a leitura e a literatura podem levar. A história-literatura ou literatura-história produzida por Prazeres pode ser consumida por especialistas e não especialistas, não só da História, mas Literatura, da Crítica Literária, da Filosofia, da Geografia, da Psicologia, enfim, de qualquer pessoa ávida por aprendizado e por deleite, que, em larga medida, não podem estar dissociados.

Considerações Finais

A História, como ressaltou Keith Jenkins (2007), é um discurso cambiante e em litígio. Seus objetos, seus problemas, suas fontes, suas metodologias dependem dos lugares de onde e para onde partem. Além disso, devem-se levar em conta os “porquês”, “para quê” e “para quem” a história é escrita e reescrita. Assim, tanto a História, quanto a Literatura e as histórias em quadrinhos, estão imersas no jogo de seus próprios campos e de seus discursos, mantendo certas conexões, pelas temáticas e objetos que abraçam e pela própria constituição das narrativas.

Os quadrinhos e os textos literários, assim com outras narrativas, se apresentam como mais uma representação da realidade, pois sobre ela se debruça e a refigura. Dessa maneira, os quadrinhos, assim como a própria literatura, são idealizados a partir dos olhares sobre uma época, um espaço e uma temporalidade. No entanto, deve-se mencionar que a relação dessas narrativas como a realidade se manifesta com complexidade, com variados níveis de tal representação. A prática escriturária do historiador, como destacou Certeau (2002), diante das características inerentes ao seu ofício, não se furta, pelo menos não deve, de sua

aproximação dialógica com outras formas de narrar o mundo, as coisas, os acontecimentos e o próprio tempo. A escrita, assim, conforme o historiador francês, não só acaba por fazer a história como, também, por contar histórias. Nesse entremeio entre o fazer e o contar histórias que se encontram as narrativas ficcionais e a narrativa histórica. Relembrando as assertivas de Costa Lima (2006), compreende-se que as narrativas ficcionais, como a literatura e as histórias em quadrinho, são necessárias, variáveis, visto que a própria realidade é dinâmica, incognoscível, o que demonstra que o conhecimento é incompleto, parcial.

Nesse processo de compreensão, as recepções, usos e críticas das narrativas ficcionais são algo ainda a ser construído por pesquisadores e historiadores, visto que são poucos os trabalhos, no caso específico da Batalha do Jenipapo, que analisam os quadrinhos e/ou a literatura. Em nossas pesquisas, até o presente momento, encontramos somente o artigo *A Batalha do Jenipapo no processo de independência do Brasil*, de autoria de Antônio Carlos de Andrade e Zilneide O. Ferreira, publicado na revista Informe Econômico, 2011. Nesse artigo, são reproduzidas as cenas da batalha nos quadrinhos Foices e Facões, das páginas 131, 132 e 133, mas não é feita nenhuma análise das imagens e da narrativa em si. A reprodução das cenas, por Antônio de Andrade e Zilneide Ferreira, configura somente como ilustração da batalha. No caso do livro *Um dia em 1823*, o presente estudo é pioneiro nessa análise de circulação, recepção e interpretação, constituindo-se como o pontapé inicial para novos debates.

Considera-se, então, que a historiografia tem importância fundamental para o papel do historiador. Isso porque, paralelamente ao ato de fazer história está o de pensar sobre os diferentes caminhos e possibilidades da construção da narrativa histórica. Os percursos dos paradigmas teóricos e metodológicos, bem como a aproximação com outras ciências e a ampliação do olhar sobre fontes, fazem parte do trabalho de análise historiográfica. Cabe ao historiador realizar a articulação entre o natural e o cultural, bem como da seleção das fontes com as quais intenta trabalhar. No entanto, as narrativas ficcionais se mostram não apenas como fontes, mas como olhares com os quais o historiador lida no percurso de tal mediação, observando os lugares dos quais tais olhares partem e para onde são endereçados.

Referências Bibliográficas

- Araújo, V. L. (2006). Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. *Revista de História*, 12(1), 79–94.
- Andrade, A. C., & Ferreira, Z. O. (2011). A Batalha do Jenipapo no processo de independência do Brasil. *Revista Informe Econômico*, 12(25), 20–26.
- Aurélio, B., & Oliveira, C. (2009). *Foices e Facões: a Batalha do Jenipapo*. Núcleo de Quadrinhos do Piauí/Halley.
- Barros, J. D. (2011). História Serial, História Quantitativa e História Demográfica: uma breve reflexão crítica. *Revista de Ciências Humanas*, 11(1), 163–172.
- Bittencourt, C. (Ed.). (1998). *O saber histórico na sala de aula*. Contexto.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Companhia das Letras.
- Brandão, W. A. (2006). *História da independência no Piauí*. FUNDAPI.
- Certeau, M. (2002). *A escrita da história*. Forense Universitária.
- Chartier, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Editora Bertrand.
- Chaves, M. (1998). *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- Cirne, M. (2002). Por que ler os quadrinhos. In M. Cirne et al. (Eds.), *Literatura em quadrinhos no Brasil: acervo da Biblioteca Nacional* (pp. 33–68). Nova Fronteira; Fundação Biblioteca Nacional.
- Costa, F. A. P. (2010). *Cronologia histórica do estado do Piauí* (2ª ed.). APL; FUNDAC; DETRAN.
- Jenkins, K. (2007). *A história repensada* (3ª ed.). Contexto.
- Lima, L. C. (2006). *História, ficção e literatura*. Companhia das Letras.

- Lustosa Filho, C. (2015, outubro 12). História em quadrinhos sobre Guerra do Jenipapo será lançada na Feira HQ. *CidadeVerde.com*. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/44160/historia-em-quadrinhos-sobre-guerra-do-jenipapo-sera-lancada-na-feira-hq>
- Neves, A. (2006). *A guerra do Fidié* (4ª ed.). FUNDAPI.
- Nunes, O. (2007). *Pesquisa para a história do Piauí: A independência do Brasil especialmente no Piauí: Manifestações republicanas: A ordem*. FUNDAPI; FMC.
- Paz, O. (1982). *O arco e a lira*. Nova Fronteira.
- Prazeres, E. (2023). *Um dia em 1823*. Nova Aliança.
- Ribeiro, C. L. (2009). A Batalha do Jenipapo. *Portal CEN*. Acesso em: 15 de novembro de 2009. Disponível em: <http://www.caestamosnos.org/>.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa (Tomo I)*. Papirus.
- Sá Filho, B. P. (2005). A participação popular questionada no processo de independência no Piauí. *Revista Cadernos de Teresina*, 20(5).
- Vergueiro, W. (2007). Uso das HQs no ensino. In A. Rama (Eds.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* (pp. 7-29). Contexto.
- Vilela, T. (2007). Os quadrinhos na aula de história. In A. Rama (Eds.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* (pp. 105-129). Contexto.